

O MUNDO É UM MOINHO

Paulo Venancio Filho

A técnica conhecida para sobreviver à areia movediça é agir como se fosse água: evitar o pânico, flutuar. Inverter a ordem; num meio aparentemente sólido comportar-se como se fosse líquido. Ronaldo Brito dedica ao "não-leitor" seu livro "todo de areia". Como imagem literária a areia é infensa a metonímia: um grão de areia é tão areia quanto a imensidão de uma praia ou do deserto. A epígrafe de *Quarta do Singular** é de Wallace Stevens: "poetry is a destructive force". Poderíamos pensar então no "Homem da Neve", o famoso poema de Stevens; num homem feito da mesma substância, sem partes, alheio e sempre atento, sem princípio e fim como a areia.

A qualidade atomística dos versos de *Quarta do Singular*, ou melhor, do *approach* granular dos versos, deriva de uma atenção indiferenciada: a areia é o todo e o grão. Outra hipótese, quase fantástica, borgia-namente fantástica, é a de que a areia movediça seria constituída de minúsculos grãos-engrenagens — o Mundo — pronta, quem sabe, a triturar "nossos sonhos mesquinhos" (Cartola). Resta "parecer normal / sensata perfeitamente normal" ("Quarta do Singular"). "O Mundo é um moinho" (Cartola). De areia.

Neste livro o sujeito poético deliberadamente se ausenta, e ausente se observa, distanciado. Está onde não está. Esta manobra de estranhamento, rigorosamente calculada dá aos poemas uma suspensão filosófica culta e prosaica, aérea e imaterial. Não encontramos nenhuma adesão idiosincrática ao cotidiano vivenciado, nem uma conversão dolorida à existência problemática. O método é exposto num poema, não por acaso, intitulado "Silogismo": "Método seria híbrido / constructo onírico / sonho a ordem estreita dos versos / depois a rigor delírio". Provável inversão da tópica freudiana ego/id onde agora o ego delira o que o id ordena. Um construtivismo surrealizante, desescrita automática, medido sempre pelo intervalo do silêncio. É esse intervalo que faz cada poema discretamente

(*)*Quarta do Singular*, de Ronaldo Brito. São Paulo, Duas Cidades (Coleção Claro Enigma), 1989, 62 pp.

defensivo, tenuemente inescrutável, "paralelepípedo ambíguo" ("O Famoso Fenômeno"). Cada poema tem a espessura da linha de um círculo que circunscreve o silêncio. Cada palavra deve experimentá-lo e transpô-lo num verdadeiro exercício de laconismo. Mesmo o tom de um quase sentencioso jesuitismo como no verso, "um pouco de Platão / portanto / para o Bem do pobre país" ("Práxis"), aparece como uma rápida distração que imediatamente refluí para a quietude. Ficamos entre um *opa!* e um *hmm*, atentos a um ritmo estruturado por lapsos e preenchido por lacunas.

Adorno escreveu que os poemas de Paul Celan queriam exprimir o horror extremo através do silêncio. Seria absurdo tentar aproximar as experiências históricas — a lírica de Celan tinha por base a vivência dos campos de concentração. Aqui, o extremo silêncio é movido por uma espécie de pudor, "pudor da presença" ("Justiça Poética"), que requer as "artes discretas da invisibilidade pública" ("En Passant"), um dever cívico e apátrida. Certamente aquilo que Eugenio Montale chamou de "decência quotidiana" — que é também a ética da lírica drummondiana — apresentada em *Quarta do Singular* como a "ética severa do sorriso ambíguo" ("Serial").

Metafísica é uma palavra recorrente no livro, junto com palavras associadas: Idea, Phisis, Bem, e outras. Creio que, aqui, metafísica só se refere indiretamente, obliquamente à Metafísica; se refere antes a uma dialética associativa-especulativa e, principalmente, a uma dialética entre superfície e profundidade, indivíduo e mundo, universalidade e singularidade, e a trama intensa e, às vezes, sutil, desses conflitos. As mazelas cotidianas não são expurgadas nem monumentalizadas, mantêm tensões num plano abstrato e impessoal, ligeiramente irônico — a ironia também é filosófica — sempre estabelecendo a medida correta do tom linear. Os termos "metafísicos" impregnam a experiência poética sem qualquer artificialismo, elevando-a não à Metafísica, mas à "ética severa do sorriso ambíguo". No plano psíquico a dialética desta poesia estaria num limite particular entre normalidade e esquizofrenia; talvez um caso de lúcida parafrenia; "exercer em paz a loucura" ("Quarta do Singular"), "discretamente dementes" ("Hino").

Tomemos um exemplo: um poema comemorativo, "Terrível Prenda" — "A madureza, essa terrível prenda" ("A Ingaia Ciência", Drummond). Logo de início ele nos desconcerta de tudo que poderia estar associado a uma comemoração. O acontecimento é íntimo e pessoal e desses limites não se afasta; trata-se de um aniversário, fato aparentemente prosaico no qual o autor, em seis linhas, opera uma súbita torção. Para analisá-lo, divido-o em duas partes. A primeira diz assim: "Quarenta anos quânticos / relativos / (segundo a moderna física)". O sentido da primeira linha já traz um estranhamento: quarenta anos é supostamente uma idade crítica, meditativa e provavelmente recenseadora e rememorativa, mas logo a seguir vem "quânticos" para adjetivar os "quarenta anos"; portanto o sujeito como se despersonaliza e se identifica com a matéria física genéri-

ca, para imediatamente acrescentar "relativos". Nesse momento, o que é matéria física, o sujeito e todo o resto ao qual se identificou, já poderia ceder à revelação da vida íntima do poeta ou à celebração de um algo lírico de sua história, à relatividade existencial, o que é ironicamente travado por "segundo a moderna física" que, prudentemente, está entre parênteses. Ou seja: é ela, "a moderna física", entre parênteses, que diz que os tais anos quânticos são relativos. Mas será? Situação que lembra um pouco a incredulidade da frase de Satie: "Sempre me disseram: 'Quando você fizer quarenta anos você vai ver'. Fiz quarenta anos e não vi nada". O poema se completa com uma segunda parte — repito, a divisão é minha: "o sonho concreto de aviso: / Aqueles que não conquistam a terra / não têm direito à morte". Versos que ao contrário dos anteriores não admitem nenhuma relatividade. A verdade irredutível desconcerta porque procede do sonho, não da "moderna física". O sonho é "concreto", sem parênteses, capaz de enunciar a verdade que escapa à ciência. Mas a verdade da ciência não é universal? O poema resume a equação dos "quarenta anos", "da moderna física" e do "sonho concreto" na "Terrível Prenda": a ciência é plana, o sonho é profundidade. A verdade do sonho é terrível para aquele que a sonhou; não poder colocá-la entre parênteses. Transcrevo agora o poema na íntegra: "Quarenta anos quânticos / relativos / (segundo a moderna física) / o sonho concreto do aviso: / Aqueles que não conquistam a terra / não têm direito à morte".

"Quarta do Singular" é também o título de um poema, não por acaso — quem sabe? — dividido em quatro partes. Mas o que nos interessa é o título do poema que também, penso, não por acaso, entre tantos outros, dá nome ao livro. Primeira pessoa do singular, segunda, terceira e... quarta do singular. Eu, tu, ele e (...). Quarta do singular é esse (...). Alguém já disse que o homem é um lugar onde se passam coisas. Quarta do singular talvez seja uma posição, ou a busca de uma posição de onde o homem possa se *ver*. "Quarta do Singular" é então também um lugar, existencial e poético, vazio e indeterminado, um outro entre parênteses, pronto a ser ocupado. Poeticamente se aproxima de um algoritmo, daí a força linear, monocórdia e silenciosa dessa poesia que não renuncia ao seu caráter eminentemente problemático e contemporâneo.

Paulo Venancio Filho é crítico de arte e poeta.

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 27, julho de 1990
pp. 145-147
